

O RURAL (RE) CONSTRUÍDO NA TV

Representações e produção de sentidos nas narrativas do programa Globo Rural

Diva da Conceição Gonçalves

Mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. diva@cpafac.embrapa.br

Resumo

Este artigo aborda as representações e sentidos sobre o meio rural, presentes nas narrativas e no discurso do programa Globo Rural. A análise de duas reportagens busca nos textos e na intertextualidade jornalística elementos linguísticos que indiquem como o cotidiano rural e o homem do campo são concebidos e ressignificados nos conteúdos televisivos. O quadro teórico considera principalmente as ideias de Mikail Bakhtin e Eni Orlandi, sobre análise do discurso, e os estudos de Cremilda Medina e Fernando Resende sobre narrativas jornalísticas.

Palavras-chave: Narrativas. Discurso. Representações do rural. Produção de sentidos. Globo Rural.

Introdução

O mundo é permeado por sinais e signos representativos de realidades diversas e os meios de comunicação de massa são determinantes na construção e transformação destas realidades, na medida em que se encarregam de disseminar informações e imagens carregadas de sentidos diversos. As práticas comunicativas são constituidoras da vida social ao mesmo tempo em que são constituídas por esta, em contínuo movimento de interação, sem perder de vista as relações de poder que aí se estabelecem. É neste contexto comunicativo que se insere a nossa realidade cotidiana.

Com a expansão das tecnologias da comunicação (Maingueneau, 2001), hoje estamos cada vez mais convictos de que o *midium* não é simples "meio" de transmissão do discurso, mas imprime certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. Assim, a comunicação contribui para a construção de representações e realidades simbólicas do mundo à nossa volta, criando e reproduzindo sentidos que tendem a ficar arraigados socialmente - no contexto analisado, sobre o ambiente rural e o homem do campo.

A a mídia se encarrega de enraizar a cultura urbana no modo de vida rural, contribuindo para diluir as fronteiras e a espacialidade rural/urbano. Mas, afinal, que

representações e sentidos desse ambiente a mídia nos oferece por meio das narrativas e do discurso televisivo?

Para responder a esta pergunta analisamos duas reportagens do programa Globo Rural (Rede Globo), buscando identificar nos textos e na intertextualidade jornalísticas elementos linguísticos que indiquem como o ambiente rural é ressignificado no contexto televisivo. No ar há mais de três décadas, o Globo Rural aborda o cotidiano do homem do campo, suas paisagens, modos de trabalho, costumes, tradições, cultura e aspirações, mas, sobretudo, histórias de vida. Assim, utilizamos como critério de escolha das reportagens a presença de conteúdos essencialmente relacionados à vivência rural. As reportagens analisadas foram veiculadas durante o mês de fevereiro de 2012.

Na análise recorreremos aos pressupostos teóricos de Mikail Bakhtin e Eni Orlandi, sobre discurso e enunciado, e de Cremilda Medina e Fernando Resende sobre narrativas jornalísticas, além de outros autores. Compreendendo que não há neutralidade no discurso e que no processo comunicacional midiático as relações de poder permeiam desde a escolha da pauta até as estratégias utilizadas na realização da matéria, compreendemos que é no processo de intermediação do discurso que a mídia converte as realidades (neste caso a rural) em representações socio simbólicas que passam a ser interpretadas pelos indivíduos.

A abordagem qualitativa permite vislumbrar antigas dicotomias (campo-cidade, tradicional-moderno) no discurso e nas narrativas do programa. Tais elementos, associados à intencionalidade de quem produz o texto jornalístico, contribuem para a construção de uma imagem mitificada do mundo rural, a partir do imaginário urbano. No processo de construção e (re)construção do ambiente rural, o Globo Rural estabelece uma relação dialógica com o homem do campo, transformando-o em personagem das histórias narradas, protagonista da sua própria realidade - do ponto de vista jornalístico - e interlocutor no processo comunicativo midiático. O elemento humano surge como fio condutor das narrativas do programa, representado por uma diversidade de atores sociais que vivem e constroem, cotidianamente, o mundo rural em toda sua plenitude e singularidade.

Discurso e mídia

As concepções teóricas de Bakhtin (1997) consideram que para que algo adquira significado, tenha importância e faça parte da vida das pessoas é preciso que seja

compreensível e esteja presente no cotidiano. O significado das palavras é construído a partir da circulação de formas simbólicas, processo que compreende a realidade de mundo do indivíduo e se realiza na enunciação concreta, determinada pelas relações sociais: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (Bakhtin, 1997:41).

Na realidade social contemporânea a mídia, em um ambiente cada vez mais tecnológico e de interatividade, torna-se um fórum de intersecção de opiniões, relações e percepções de mundo. Sendo assim, as relações entre mundo real e realidade simbólica auxiliam na adaptação do nosso mundo interior a um cenário de realidades fragmentadas e complexas, por nós interpretadas e exteriorizadas em atos linguísticos.

Necessariamente determinado por sua exterioridade (Orlandi, 1994) todo discurso remete a outro discurso, presente nele por sua ausência necessária. Todo discurso traz em seu interior (interdiscurso) elementos que remetem à ordem do já dito, à memória do sujeito, de modo que os sentidos são sempre referidos a outros e é a partir daí que interpretamos as realidades e lhes atribuímos sentidos. No interior do discurso, a ideologia age produzindo efeitos de “evidências” na simulação de conteúdos para a construção de sentidos em determinada direção. Por outro lado, a própria linguagem se constitui de materialidade histórica, com opacidades e equívocos para serem desvelados: “O mundo está posto, com lacunas e vazios para serem decifrados pela linguagem, mas é só por meio do imaginário (ideologia) que isto se torna possível” (Orlandi, 1994:57). Essa mirada indica que ideologia e linguagem se articulam de forma a produzir sentidos.

Referindo-se a essa opacidade da linguagem e ancorado nas ideias de Ricoeur (2005), Resende (2009) considera que as possibilidades de uma comunicação efetiva residem na interação discursiva entre sujeitos, espaços que ele chamou de “brechas” do discurso e que se revelam no próprio ato de produzir discursos. A comunicação acontece em algum lugar para fora do que entendemos como sentido: “Ela se dá na dimensão de uma força ilocucionária, própria de um *jogo de linguagem*, que só se realiza porque quem fala tem a intenção de que o outro saiba que ele tem a intenção de” (Resende, 2005:32).

É a partir desse movimento dialógico no interior do discurso que surgem distintas manifestações discursivas no contexto comunicativo. A dialogia (Bakhtin, 1997) nasce da polifonia e diz respeito a esse processo de interação discursiva entre o “eu” e o outro,

relação que se manifesta nos enunciados e nas múltiplas vozes do discurso. São as infinitas possibilidades comunicativas geradas a partir das práticas discursivas que se efetivam no enunciado. A narrativa se constrói na relação dialógica que ela própria deflagra: “Apenas o contato entre a língua e a realidade - que se dá no enunciado - provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós” (Bakhtin, 1997:311).

Esse lampejo da expressividade (Resende, 2009) surge na relação, no contato entre o que se vive e a língua - elementos que são frutos de um constante atrito entre a experiência individual e a que se tem com o outro. Nesse lugar onde os *eus* se encontram, constroem-se discursos que, uma vez tecidos, refazem-se em narrativas: “As histórias, tecidas por sujeitos-protagonistas, são produzidas e, ao mesmo tempo, produtos desse lugar” (Resende, 2009:39).

Ao analisar as formas como a mídia se relaciona com a sociedade Sharaudeau (2012) considera que o mundo se apresenta aos indivíduos por meio de representações da realidade. O desafio de desvendar essas realidades depende do conhecimento, crenças e da capacidade de interpretação dos sujeitos em relação ao mundo, o que nos remete à questão cultural e linguística.

Para (Bakhtin (1997), a narrativa se constrói na relação dialógica que ela própria deflagra: “[...] apenas o contato entre a língua e a realidade - que se dá no enunciado - provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós” (Bakhtin, 1997:311).

Se para Bakhtin a dialogia nasce da polifonia do texto (Resende, 2009) é no espaço societário polifônico, se nos permitirmos ver o mundo da vida como um texto, que também se encontra o dialogismo no ato jornalístico. Isto nos leva a considerar a necessidade de dar visibilidade às narrativas do cotidiano no fazer jornalístico, pensando o necessário reconhecimento do outro na interação com este.

No exercício de dar voz ao outro, a atividade jornalística pressupõe o caráter dialógico do discurso. Deste modo, as possibilidades de reconhecimento da pluralidade de identidades, a relativização - no texto - de dogmas que operam a construção do discurso, o próprio suscitar das dúvidas e a utilização de estruturas sintáticas provocadoras de sentidos

outros que não o esperado naquele discurso específico representam modos dialógicos de interagir com o mundo.

Narrativas do cotidiano

As narrativas constituem-se não apenas como o ato de contar histórias, mas como uma forma de representar o mundo por meio de realidades particularizadas que se efetivam na linguagem. “As narrativas são produções discursivas que promovem uma síntese do heterogêneo e solicitam a intervenção de uma “imaginação criativa” que, por meio da invenção, supressão e montagem interessada, instaura uma inovação na produção de sentido” (França & Guimarães, 2004:4).

Uma definição simples de narrativa é aquela que a coloca como uma das respostas humanas diante do caos, conforme explica Medina:

Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o homem organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade: a simbólica. Sem essa produção cultural - a narrativa - o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (Medina, 2006:67).

Sob a ótica midiática (Resende, 2005) as narrativas são formas de representação coletiva, elementos que criam e recriam sociabilidades, práticas comunicativas que definitivamente contribuem para o alargamento dos horizontes de experiências sociais. Citando Roland Barthes (1971), o autor destaca que as “pequenas narrativas” - plurais e inumeráveis - tornam-se importantes elementos a serem investigados, porque conferem legitimidade e redividem, socialmente, o espaço no qual elas pertencem, observação relevante que nos faz pensar na força da narrativa no campo dos media (Resende, 2005:3).

Entendendo a comunicação midiática como uma ação mediada por excelência podemos, compreendemos a narrativa como um espaço privilegiado de produção de sentidos, que exige a atuação tanto do sujeito que narra como de quem consome. Assim, ao pensar narrativa como lugar de mediações, Resende (2009) considera que nesse entremeio se inscreve uma dimensão temporal que é da ordem do humano e é ali que se instalam os modos, os contextos e os sujeitos. O ato de narrar através dos meios pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de

compreensão e leitura do mundo: “Ele deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive. E esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece” (Resende, 2009:34).

Ao se colocar como um dos protagonistas do ato, se reposicionando no lugar do humano, o jornalista cria verdadeiras possibilidades de tornar o diálogo possível na comunicação, como bem explicita Resende:

Articulando-se no tecido da vida ele deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador, tanto quanto o é aquele para quem escreve. Ainda que seja dado ao primeiro o privilégio da escrita ou da fala, ele não faz sua a voz do outro e nem se propõe, tão-somente, a parafrasear suas fontes, como acontece com o texto jornalístico que nada mais faz do que obedecer às regras do discurso dado como legítimo (Resende, 2009:38).

As narrativas ordenam e resgatam porções da experiência vivida, enfatizam e obscurecem valores, ensinam condutas interessadas. Por isto, suscitam reações, provocam atitudes e interferem na nossa ação no mundo, mas, sobretudo, no nosso posicionamento diante do outro. Construídas cotidianamente por meio de produtos midiáticos, elas são um caminho habilidoso para nos dizer da nossa própria vivência e para nos enxergarmos na experiência do outro.

Na nossa relação com o mundo (Orlandi, 1994), diante de qualquer objeto simbólico somos interpelados a interpretar e atribuir sentidos, com base no imaginário que medeia nossa relação com as realidades existenciais. Assim, as narrativas nos movem em reações das mais profundas, desencadeadas por elementos linguísticos e extralinguísticos que se articulam para dar sentido ao discurso.

O rural representado e (re)construído na TV

O tempo de duração das matérias analisadas foi de onze e treze minutos, por se tratar de matérias especiais, exibidas nas edições dominicais. As matérias “A família de Seu Zé Izá” e “Gaúchos no serrado do Piauí” contam a história de duas famílias que migraram para o campo para tentar a vida na agricultura. Na análise, observa-se um discurso coloquial com a forte presença de regionalismo, combinado com o discurso jornalístico. Esta

combinação deve-se às características do público que o programa deseja atingir, uma vez que também tem boa audiência no meio urbano.

Normalmente, as matérias sobre agricultura, veiculadas por outros programas, buscam cientistas, técnicos e autoridades para legitimar o discurso. Entretanto, embora uma das reportagens analisadas mencione o aumento surpreendente da safra de milho, o programa não ouviu nenhum especialista, deixando por conta do produtor assegurar credibilidade ao discurso e legitimar a informação por meio da sua experiência de vida. Assim, o homem do campo é protagonista de sua própria história na televisão.

Ao abrir espaço para tentativas de diálogos e interação com diferentes atores do mundo rural, o Globo Rural pratica o que Medina (2008) chama de *pluralização* das vozes. A entrevista deve servir para possibilitar o *pluridiálogo* e proporcionar uma relação mais humanizada no trabalho jornalístico: “A interrelação verdadeira ocorre quando entrevistador e entrevistado são “modificados” pelo contato que tiveram e se estabelece um vínculo EU-TU, suplantado o limite estanque formatado na redação” (Medina, 2008:18).

A noção de dialogia presente em Bakhtin (1997) considera que esse processo de interação discursiva baseia-se na relação entre o “eu” e o outro e jamais se esgota. Assim, a relação dialógica se manifesta nas práticas discursivas como infinitas possibilidades de expressão por meio de enunciados que formam o ato comunicativo.

A análise da linguagem verbal das reportagens revela uma das características do jornalismo televisivo: a construção de frases curtas, abolindo, sempre que possível os elementos coesivos, no intuito de tornar a mensagem mais acessível como forma de garantir um discurso direto e conciso. Quando a intenção é reforçar alguma ideia o entrevistador utiliza a conjunção *mas* como operador semântico, criando uma noção de oposição no discurso, como nos seguintes casos: *a soja aqui produz normal, mas a surpresa é o milho que superou a casa das 160 toneladas por hectare; Zé izá é homem de pouco estudo, mas nas contas age com desenvoltura*. No primeiro caso, a matéria quer destacar o aumento da produção de milho em uma terra pouco conhecida e aí reside a surpresa; no segundo, deixa implícita a ideia de que no campo o estudo não faz falta, uma vez que o agricultor, mesmo sem escolaridade, consegue administrar bem a propriedade.

Para se referir ao produtor, as matérias enfatizam o uso de termos carregados de valor, como nas frases: *o senhor foi corajoso; você enfrentou o desafio; caçador diligente*

que conquista o troféu em serviço. As palavras têm sempre uma conotação positiva que ajuda a construir uma visão de superação, passando a imagem de um sujeito sempre vencedor e de um espaço onde todos os desafios podem ser vencidos pelo trabalho. Nas referências ao local e à atividade agrícola, os enunciados também remetem à ideia de sucesso: *hoje colhe toneladas de grãos onde até pouco tempo não se produzia nada; quase tudo que se consome é produzido aqui mesmo.* Considerando que nenhum discurso é neutro, a escolha dos elementos linguísticos que compõem estes fragmentos da narrativa tem a intenção deliberada de assegurar credibilidade e sucesso ao homem do campo e associar o ambiente rural a um espaço de fatura.

Outra marcação observada no discurso do programa, a partir da leitura das matérias, é a ênfase na inovação tecnológica no campo. Aqui há um descompasso entre a realidade vivida pelas famílias. Enquanto uma matéria destaca a existência de modernos equipamentos que auxiliam o trabalho no campo, proporcionando economia de tempo e esforço físico, a outra mostra uma experiência quase primitiva onde o trabalho ainda é realizado totalmente de modo manual: *é época de colheita, todos estão no campo pilotando colheitadeiras, carretas e tratores; terminada uma destoca, logo a turma se desloca, enquanto uma cavoca a outra arranca a mandioca.*

Neste sentido, a primeira frase revela uma realidade voltada para as culturas da soja e do milho plenamente mecanizadas, com tecnologias à disposição do homem do campo; a outra mostra a dura realidade de quem cultiva para a própria subsistência e ainda não saiu da fase “braçal”. Este aspecto também é evidenciado no tipo de moradia das famílias: *a casa tem escritório com telefone e internet e cozinha equipada no capricho; dona Nelita prepara o almoço no fogão de chapa preta, carne seca, arroz, mandioca e feijão batido com roseta¹.*

Estes enunciados mostram a existências de duas realidades distintas no meio rural. Entretanto, no contexto analisado, isto não representa contraste social, ao contrário, as realidades são mostradas como estilos de vida diferenciados enaltecidos pelo discurso do entrevistador: *a família mudou de vida; a família abriu mão de qualquer luxo e vaidade,*

¹Parte móvel da espora, em forma de roda estrelada. No contexto da matéria, este objeto foi improvisado pela família e funciona como uma espécie de triturador manual.

dos confortos da cidade pra viver nesta paisagem. Percebe-se, assim, um posicionamento ideológico na carga semântica do texto, no sentido de fazer crer que usufruir ou não das benesses tecnológicas no campo e ter qualidade de vida é apenas uma questão de opção e estilo das famílias.

Considera-se, então, que a construção do discurso não é simplesmente uma questão de escolha de palavras, mas uma tomada de posição. O discurso (Maingueneau, 2001) é “orientado” não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear. “O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar” (Maingueneau, 2001:53).

A análise evidencia um discurso que tenta retratar o homem do campo como agente do processo de mudança política e social, por exemplo, quando menciona a luta dos agricultores pela emancipação política de uma vila em uma das matérias: *os agricultores estão buscando que a vila passe a município e já tem até projeto.*

Os diversos elementos linguísticos que compõem a narrativa das matérias veiculadas pelo programa Globo Rural constroem um discurso dotado de representações onde o sujeito passa a ocupar uma posição de protagonista e a linguagem é considerada o lugar de constituição da subjetividade. Assim, o contexto onde as histórias acontecem figura como elemento que vincula a produção de sentidos à visão de mundo e bagagem cultural tanto do narrador como dos protagonistas das histórias, como forma de captar o caráter polifônico dos signos que emergem da realidade social.

Por outro lado, os recursos tecnológicos utilizados na produção do programa ajudam na interação com o texto verbal, construindo ou simplesmente reforçando significados e sentidos. A leitura das mensagens, portanto, não se restringe ao código linguístico, mas faz uma leitura do conjunto, considerando também as condições e modo de produção, edição de conteúdos e estratégias de abordagens das temáticas e, sobretudo, a intencionalidade de quem produz a mensagem.

Considerações

Na análise percebe-se que a televisão procura construir um quadro imaginário substituto da realidade, utilizando-se de um discurso carregado de marcadores de representações simbólicas, intimamente relacionados à intencionalidade da produção jornalística, contribuindo para a construção de uma imagem do meio rural a partir do imaginário urbano.

As construções simbólicas partem de um rural como espaço de trabalho e gerador de fartura e riquezas. Esse movimento revela, posteriormente, um rural que apesar do modo singular de vida, incorpora traços da urbanidade, revelados especialmente nos ideais de consumo. De um lado emerge um rural valorizado como local de tranquilidade, harmonia com a natureza, qualidade de vida e fator de sucesso agropecuário, ideal para se viver, de outro, o programa veicula a imagem de um rural híbrido marcado tanto por características rurais como por traços da urbanidade.

O ambiente rural reúne uma diversidade de atores com características e realidades sociais e culturais também distintas, entretanto, tais diferenças se diluem no discurso midiático. Há uma estreita relação campo/cidade imbricada nos conteúdos das reportagens. Tal configuração que revela em uma linha tênue entre rural e urbano, que aproxima cada vez mais o campo do contexto moderno e globalizado da urbanidade.

Retratado quase como “jeca”, embora tenha sido preparado para a realização da reportagem, como normalmente faz a emissora para manter o padrão “global”, este homem do campo ainda veste roupas muito rústicas e carrega uma aparência que denota pouco ou nenhum cuidado com o corpo e cabelo. Por outro lado, a linguagem simples e o repertório pouco letrado ajudam a dar o tom de informalidade à matéria e confirmam o estereótipo de “caipira” do homem do campo.

Apesar da simplicidade a maioria da população rural ainda, há que se considerar que com a diluição das fronteiras espaciais entre campo e cidade, proporcionada por modernos meios de transporte e comunicação, a vida no campo vem incorporando novas ruralidades baseadas essencialmente na cultura urbana, com reflexos nos diversos aspectos da vida no campo, inclusive no modo de vestir e agir. Deste modo, as representações presentes nas reportagens do programa Globo Rural mitificam este ambiente e desconsideram as distintas realidades de quem vive e constrói, cotidianamente, o mundo rural em toda sua plenitude e singularidade.

Referências

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRANÇA, V. & GUIMARÃES, C. Narrativas midiáticas e experiência estética. 2004. Disponível em: <http://www2.fafich.ufmg.br/gris/images/Narrativasmidiatica.201.pdf>. Acesso: 27 mai. 2012.
- GONÇALVES, E. M. **A construção do discurso sobre o meio rural**: uma análise do programa “globo rural”. 2005. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/>. Acesso: 30 mai. 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista: O Diálogo Possível. 2004. op. cit., p. 18.
- MEDINA Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- ORLANDI, E. Discurso, imaginário social e conhecimento. Brasília, 1994.
- RESENDE, Fernando. **O jornalismo e a enunciação**: perspectivas para um narrador-jornalista. 2005. Disponível em: www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/.../fernandoresende2005.doc. Acesso: 23 mai. 2012.
- RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas narrativas**: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. Galáxia, São Paulo, n.18, p.31-43, 2009.
- SHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2012.